

dos da comunidade durante o dia mas dormiam à noite em casa. Desses que iam dormir em casa, 80% eram classificados, de acordo com o procedimento de Ainsworth, como firmemente apegados. Mas dos que passavam a noite fora do lar materno, só 48% o eram.³⁰ Os bebês pensionistas eram depositados em vastos dormitórios comunitários, onde ficavam misturados com todas as crianças de menos de 12 meses, assistidas por um par de zeladoras. O mais provável era uma criança que acordasse durante a noite não encontrar ninguém suficiente-mente familiar que merecesse ser qualificado como o que Eliot e Bowlby con-cebiam como "os acolhedores olhos do amor", a tranquilizadora garantia pri-mária do bebê de que nunca faltaria quem cuidasse dele. A mensagem é bas-tante clara: os efeitos da criação comunitária dependiam tanto da qualidade da própria assistência quanto das experiências da criança no seio de sua própria família, de sua busca de dedicação por parte dos que tomavam conta dela.

Comparada com a "idéia perigosa" de Darwin, a teoria evolutiva que o filósofo Daniel Dennett qualificou de "ácido universal" porque penetra fundo nas pretensões humanas acerca do nosso lugar no universo, o ácido intelectual de Bowlby era menos corrosivo. Entretanto, para os psicanalistas, para as femi-nistas e, em especial, para qualquer mulher com ambições, ele queima fundo de verdade.

Situar as emoções infantis num mundo tangível trivializa as preocupações psicanalíticas com imaginados mundos interiores. Para os bebês, o mundo é realmente um lugar perigoso. Ao situar a mãe ou outra zeladora primária no centro do universo de cada bebê em desenvolvimento, a teoria do apego de Bowlby arde mais intensamente onde aferroa a consciência de toda e qualquer mãe que está ciente das necessidades do seu bebê mas também aspira a uma vida além de sua submissão servil a ele.

Até hoje, a pungência do ácido de Bowlby evoca em mim as palavras obcecantes de Anke Enhardt, uma preeminente cientista, uma mulher tão profundamente impressionante por sua cordialidade e elegância quanto pe-las realizações que fizeram dela a especialista mundial sobre o desenvolvi-mento da identidade sexual nas crianças. Durante o café da manhã numa conferência científica em Praga, essa extraordinária educadora confidenciou por que decidira deliberadamente nunca ter filhos. Era porque "sabia demais" acerca do que eles necessitam, disse ela.

Em: Mãe Natureza

Sarah Blaffer Hedy

Ed. Campus

17 — Pg 427 a 437

"A Salvo do Quê?" ou "A Salvo de Quem?"

*You know — at least you ought to know,
For I have often told you so —
That Children never are allowed
To leave their nurses in a crowd;
Now this was Jim's especial Foible
He ran away when he was able,
And on this inauspicious day
He slipped his hand and ran away!
He hadn't gone a yard when — Bang!
With open jaws a lion sprang...*

— Hilaire Belloc, 1938*

Bowlby procurou explicar os desejos e medos infantis em função de am-bientes que foram, no passado, significativos para a evolução. Reco-nheceu que a constituição endócrinológica, sensorial e cognitiva de um bebê era uma combinação de antigos dramas englobando inúmeras vidas pas-sadas. Pode-se admitir que qualquer símio ancestral que tenha sobrevivido o tempo bastante para crescer e reproduzir-se passou os primeiros meses de vida em contínuo contato ventro-ventral com sua mãe (estômago-com-estômago, peito-com-seio) e foi motivado para permanecer perto dessa mãe por muitos meses subsequentes. A separação da mãe significava desastre, um ponto que Bowlby gostava de sublinhar citando o poema de Belloc sobre o desditoso "Jim".¹

Um bebê chimpanzé que fique órfão em seu habitat natural antes dos três meses de idade não sobrevive, ainda que seja adotado por uma solícita irmã

* "Você sabe — pelo menos já devia saber./Pois eu já me cansei de lhe dizer —/Que às crianças não se consen-te, não/Largarem suas babás na multidão./Mas esse era para Jim o grande Desafio:/Se chance lhe era dada ele fugia:/Mas nesse dia mais que nefasto dia/ Soltou a mão da ama e escapuliu!/Mal dera uns quatro passos quando — Zás!/A goela aberta de um leão matreiro/Surgiu na frente do infeliz rapaz/E logo o devorou — os pés primeiro...". Hilaire Belloc, poeta inglês, autor de *O livro dos bichos para crianças mal-comportadas*. O trecho acima faz parte do poemeto *Jim* e serve de epígrafe para o Capítulo 12, "Natureza e função do comportamento de apego", do livro de Bowlby. *ob. cit.*, p. 225, em tradução nossa (N.T.)

grávida de novo. Um dos mais sérios desafios com que podia defrontar-se um bebê num mundo onde as alternativas para o leite materno não eram digeríveis nem seguras era os níveis de prolactina e de outros inibidores da ovulação da mãe declinarem a tal ponto que ela ovulasse e concebesse antes do seu atual bebê poder ser desmamado em segurança. Entretanto, sob as recentemente reconstituídas condições de vida do Neolítico, essa devia ser uma ocorrência muito comum. Bebês comendo alimentos sólidos mais cedo teriam mamado menos, comunicando a mães que estavam também comendo mais e ganhando menos que o seu bebê já não estava se beneficiando do leite antes disso ser realmente verdadeiro. As concepções prematuras opunham as necessidades de um bebê mais velho às de seus irmãos mais novos.

Tudo Menos em Branco

Bem longe de ser uma *tabula rasa*, um bebê humano está equipado com um certo número de sistemas de comportamento prontos para serem ativadas. Esses sistemas vão desde os mais simples "padrões fixos de ação" (agarrar, segurar, buscar o mamilo) até as mais refinadas capacidades cognitivas que requerem dinâmico *feedback* do meio ambiente e prática de aprendizagem. Embora não sejam inteiramente pré-programados (como o reflexo de Moro, de que nos ocupamos antes), esses sistemas de aprendizagem estão predispostos de modo tal que os processos pertinentes são ativados por estímulos que se inserem em um ou mais amplos raios de ação, terminados por estímulos que se situam dentro de outros e igualmente amplos raios de ação, e reforçados ou enfraquecidos por estímulos de ainda outras espécies.⁵ E o que é que fornece os estímulos críticos para que ocorra o desenvolvimento do bebê? A presença mais ou menos contínua de alguém que cuida dele com simpatia, receptividade e compreensão.

Tal como "o meio ambiente de adaptabilidade evolutiva do homem" de Bowlby,* a sua articulação de "predisposições de aprendizagem" tornou-se também parte integrante do vocabulário dos psicólogos evolucionistas. Hoje, as idéias de Bowlby a respeito dos sulcos que a Mãe Natureza grava na *tabula* de todos os bebês estão solidamente inscritas nas hipóteses de trabalho dos psicólogos cognitivos. Sabemos hoje que os bebês não processam estímulos aleatórios mas buscam e fixam-se em padrões específicos, como os componentes de um rosto humano. Eles preferem curvas (como bochechas ou supercílios) a linhas retas, fortes contrastes de luz e sombra (como pupilas cercadas pelo

mais velha. Mesmo depois dos cinco, perder a mãe implica sério perigo para a vida de um símio selvagem. O vigor é gravemente abalado e é quase certo que a perda da mãe produz uma série de custosas reações para enfrentar a nova situação, como ficar balançando, arrancar os próprios cabelos, arranhá-los, reduzir o tempo de brincadeiras e duradoura timidez. Símios humanos num contexto de caça e coleta não se saíram muito melhor. Dos bebês achês que perderam suas mães antes de um ano de idade, nem um único sobreviveu.² Quanto aos humanos pré-neolíticos, ainda nômades, a idade mínima para um estreito contato mãe-bebê deve ter sido muito variável, dependendo das condições locais. É extremamente improvável, porém, que um bebê possa ter sido desmamado antes dos dois anos sem pôr em sério perigo suas chances de vida. Mais jovem do que quatro anos, a mãe ainda estava correndo um risco calculado.³

Pouco aprendemos desde então que contrarie o principal pressuposto de Bowlby segundo o qual, durante o "ambiente de adaptabilidade evolutiva" da espécie humana, os bebês permaneceram em estreito contato com suas mães. Entretanto, provas etnográficas provenientes de povos caçadores e coletores, como os akas e os efés, somadas a novas provas obtidas com outros primatas, sugerem que os pais e, em especial, os alopais e alomães foram alternativas mais importantes do que Bowlby julgara para o *contínuo* contato um a um com a mãe.

Quando era seguro fazer isso, ou quando ela não tinha muitas alternativas de escolha, uma mãe incumbia outros de cuidar de seus filhos. Isso não significa, porém, que um bebê calcule as vantagens e desvantagens da troca do mesmo modo que a mãe as equaciona. Como disse a psicanalista Rozsika Parker, sempre que "uma mãe e um filho relembram seu relacionamento, emergem duas narrativas distintas".⁴

Do ponto de vista do bebê, estar junto de sua mãe seria sempre a prioridade de número um dele, mesmo se a mãe pudesse beneficiar-se de mais distância. Em primeiro lugar, a composição tipicamente diluída, de baixo teor de gordura, do leite da mãe primata significa que os bebês alimentados ao peito tinham que mamar mais ou menos continuamente para sentir-se saciados, especialmente quando, como no caso de mães nômades com dietas magras, as mães mal conseguiam corresponder à demanda do bebê. Por seu lado, um bebê amamentado regularmente ao peito de tempos em tempos era uma garantia de que os nascimentos ocorreriam com intervalos mais amplos, um benefício efetivo secundário de se permanecer junto da mãe. Além de segurança e nutrição, o acesso contínuo ao seio materno significa que a mãe colocou em xeque uma concepção subsequente. Entre outras coisas, portanto, ficar junto dela protegeu o bebê de peito das exigências concorrentes feitas à mãe por irmãos ainda não concebidos e da ameaça de um imediato desmame se ela se encontra

* Este é o título do Cap. 4, pp. 61 e ss. da Parte II, Volume I, "Apego", *op. cit.*, de Bowlby, (N.T.)

branco do olho) e ângulos agudos (os cantos dos olhos) a ângulos obtusos. Os bebês são atraídos pelo movimento no interior de uma moldura (lábios mexendo-se e falando num rosto). "Quando se somam todas essas preferências inatas", escreve o psicólogo infantil Daniel Stern em seu cativante *Diary of a Baby* (Diário de um bebê), "elas quase formam a palavra ROSTO".⁶

Mas não se trata de qualquer antigo rosto. Os recém-nascidos buscam de preferência rostos com configurações humanas: dois olhos, um nariz e uma boca. Distinguem rostos simétricos "bonitos" e fica olhando por mais tempo tais rostos do que os assimétricos ou grotescos, e talvez busquem rostos que são femininos. Os bebês também olham mais demoradamente para rostos familiares, o que muitos psicólogos acham significar que os bebês os "preferem".⁷

A cabeça apoiada num travesseiro, um recém-nascido volta-se à vontade para um lado e para outro. Demora mais voltado na direção do chumaço que sua mãe usou dentro do sutiã, saboreando esse cheiro de preferência ao cheiro que vem do outro lado, de um chumaço usado por outrem. Os bebês estão especialmente afinados para as vozes melódicas e os tons agudos que declamam em "língua de bebê". No terceiro trimestre de gravidez, os fetos podem ouvir e ouvir através do útero; seus corações, quando é tocada uma fita com gravação da voz da mãe, batem mais depressa do que quando é a voz de uma estranha.⁸ Não surpreende, pois, que os experimentadores possam demonstrar que, três dias após o parto, o recém-nascido prefira a voz da mãe à de qualquer estranho.⁹ Importa ver a mãe, mas tão importante quanto vê-la é o afeto materno, que sentimentos a mãe parece nutrir em relação ao seu bebê. Os bebês que se deparam com uma mãe que é deprimida (ou uma mãe instruída por experimentadores para envergar uma máscara impassível, despida de qualquer sinal de emoção) acham-na enervante e desalentadora.¹⁰

Este quadro está bem longe de ser um quadro em branco: os bebês humanos são predispostos para procurar uma pessoa familiar, feminina: uma pessoa capaz de ser sua mãe. Quando a encontram, até os bebês recém-nascidos estão preparados, durante a ocorrência de janelas de alerta de oportunidades, para abrir um canal de comunicação respondendo e imitando quem cuida deles.

Predadores Animais e Humanos

Identificar a mãe é um primeiro e decisivo passo para o apego, mas apego para quê? Para Bowlby, a moral do poema de Belloc ficava clara nos versos subsequentes: "Seu pai, que não perdeu a compostura, / Pediu à menina: / Pois redor / Que atenta ficasse à desventura / Que a Jimmy por imprudente vitimara: / Pois sempre acontece algo pior / Aquela criança que, por ser ignara, / Solta a mão da ama que a segura." Em "o meio ambiente de adaptabilidade evolutiva" que Bowlby tinha em mente, "pior" significava predadores: possivelmente hienas mas, muito provavelmente, os grandes felinos — tigres e leopardos no Velho Mundo, ja-



Fig. 17.1. Pequeno "Homo imitans", gracejou o psicólogo Andrew Meltzoff a respeito de sujeitos infantis, com idades entre 12 e 21 dias, a quem ele induziu a imitar diferentes expressões faciais.¹² (Cortesia de Andrew N. Meltzoff)

guares e pumas no Novo. "A proteção contra os predadores é, de muito, a mais provável função do comportamento de apego", escreveu Bowlby.¹¹ Que o apego à mãe conserva o bebê a salvo de predadores tem sido mais ou menos a linha divisória estabelecida desde sempre. Mas examinemos essa idéia em maior detalhe.

Não restam dúvidas de que qualquer felino do Pleistoceno digno de suas patas devoraria num abrir e fechar de olhos um desprotegido imaturo. Da Ásia meridional (tigres) à América do Sul (jaguars), os grandes gatos ainda matam ocasionalmente homens adultos. Devido ao seu pequeno tamanho e desproteção, os imaturos seriam especialmente vulneráveis. Durante um ano particularmente ruim (1878), funcionários coloniais britânicos na Índia registraram a morte por lobos de 624 humanos — em sua maioria crianças. Os adultos são grandes demais para que lobos os apanhem, e as crianças são normalmente mantidas em recintos fechados para sua segurança. Mas a prática local de dormir ao ar livre durante as abafadas noites estivais deu a esses lobos sua oportunidade: eles esgueiravam-se silenciosamente nesses dormitórios a céu aberto e fugiam com um bebê abocanhado.

Toda a cultura de floresta tem sua própria versão dos versos de Belloc para induzir as crianças, pelo terror, a ficarem por perto. Todas as partes envolvidas estão conscientes dos perigos, de modo que as crianças raramente se afastam por conta própria do acampamento, ou inatamente predispostas (no caso de bebês que ensaiam seus primeiros passos) a manter-se perto de suas mães

Mas seriam os animais selvagens os únicos perigos? Preocupado com uma influente hipótese alternativa para explicar o apego de um bebê à mãe (ou seja, a idéia de que os bebês aprendem dela valiosas aptidões sociais), Bowlby formulou para si mesmo algumas interrogações adicionais. Por que, indagou-se ele, "o comportamento de apego persistiria na vida adulta, muito depois da aprendizagem estar completa?" e "por que razão (...) seria especialmente persistente em fêmeas?"¹³ Ambas as perguntas podiam ser satisfatoriamente explicadas pela sua hipótese antipredadores. Mas também poderiam sê-lo por uma terceira possibilidade: a ameaça aos bebês primatas por machos não-apa- rentados da mesma espécie. Essa possibilidade, se é que realmente ocorreu a Bowlby (as provas para esse fenômeno ainda eram escassas durante os anos em que ele estava desenvolvendo a teoria do apego), teria sido rechaçada como uma aberração, sem qualquer relação pertinente com o meio ambiente de adap- tabilidade evolutiva do homem.

Com o progresso e o aperfeiçoamento da documentação ao longo do sécu- lo XX, as provas relativas a sociedades caçadoras e coletoras nômade, assim como para algumas sociedades pré-neolíticas mais sedentárias na antiga Grécia, mostram que as crianças constituíam alvos deliberados para padrastrs, saqueadores de outros grupos e até para mães concorrentes. Tais práticas não terminaram necessariamente com o surgimento da "civilização moderna". Milhões de crianças morreram em porcentagens proporcionalmente muito mais elevadas do que os adultos em episódios tão disparres quanto a fome na Ucrânia induzida por Stálin (1929-33) e o Holocausto de Hitler. O ponto a destacar, neste caso, é que tanto nas invasões e assaltos tribais quanto em genocídios politicamente motivados, as crianças são as mais indefesas e as que sofrem a mais elevada mortalidade.

Entretanto, acredito ser verdade (pondo de lado as estatísticas relativas a períodos de guerra) que nos humanos o infanticídio por machos invasores é menos comum e uma fonte menos importante de mortalidade do que em outros primatas, como langures, bugios, gorilas e chimpanzés. Uma possibi- lidade é que, quando a ameaça de infanticídio se tornou por si mesma uma pressão de seleção, a maior proteção paterna também foi selecionada. As famí- lias hominídeas podem ter-se tornado especialmente eficazes na proteção dos imaturos indefesos e das mães sobrecarregadas pela tarefa de cuidar deles.

Os machos propensos a ficar junto de suas famílias para protegerem sua prole tinham maior sobrevivência de filhotes. Não só o infanticídio selecionou para contra-estratégias maternas que evitavam e frustravam a agressão mascu- lina contra bebês (abandonando o seu grupo; acasalando com múltiplos ma-

chos), mas também pode ter favorecido os pais inclinados a defender sua pro- gênie. As famílias humanas tinham que proteger os jovens de muitos tipos de predadores. Os pertencentes à mesma espécie podem ter constituído, porém, a mais inquietante classe de predadores.¹⁴ Nem os parentes e outros membros do grupo, sobretudo padrastrs e co-esposas, estavam necessariamente exclu- ídos desse quadro de matadores potenciais. A documentação histórica fornece- nos a sua própria e sinistra crônica de infanticídios, desde a trama da impera- triz Lívia contra os herdeiros de Otávio até o estrangulamento dos pequenos príncipes ingleses na Torre de Londres.

Repensando o "Medo de Estranhos"

Embora não possamos saber até que ponto seria raro ou comum entre os nossos ancestrais o infanticídio cometido por adultos, à parte a mãe, o puro peso das provas acumuladas em relação ao infanticídio por machos não-apa- rentados levou alguns primatologistas a produzirem um conjunto muito dife- rente de pressupostos sobre as condições em que poderiam ter evoluído os bebês hominídeos. Eles aceitam como dada a proposta (que a muitos ainda parece bizarra) de que membros de sua própria espécie podem ser uma ameaça à sobrevivência dos imaturos.

Os primatologistas podem debater interminavelmente — e o faremos, sem dúvida — em torno das implicações do infanticídio para a evolução das famí- lias humanas e, de um modo geral, de suas implicações para a estrutura social primata. Entretanto, uma observação fere a minha atenção como indiscutível: para uma grande variedade de espécies primatas, inclusive a humana, uma incursão de machos não-apa- rentados, que nunca acasalaram com a mãe, é potencialmente uma má notícia para os imaturos — sobretudo aqueles que ainda não foram desmamados. Daí a necessidade de reconhecermos alguns aspectos do desenvolvimento infantil, como o surgimento de uma aguda rea- ção de pânico, especificamente quando os bebês são abordados por estranhos. É uma fobia que aparece quase universalmente em crianças mais velhas, por volta da época em que elas, embora seja provável que estejam ainda mamando, já se tornaram fisicamente aptas a engatinhar para longe de suas mães.

Antes dos cinco ou seis meses de idade, os bebês sorriem indiscrimina- damente quase para qualquer pessoa. É como se esse fosse um período de lua- de-mel durante o qual um bebê se familiariza com a sua comunidade local, com distraque para os parentes. Por volta dos seis meses, porém, os bebês co- meçam a responder de um modo muito diferente às pessoas que não lhe sejam familiares. Novos objetos continuam a ser interessantes mas a "ameaçadora

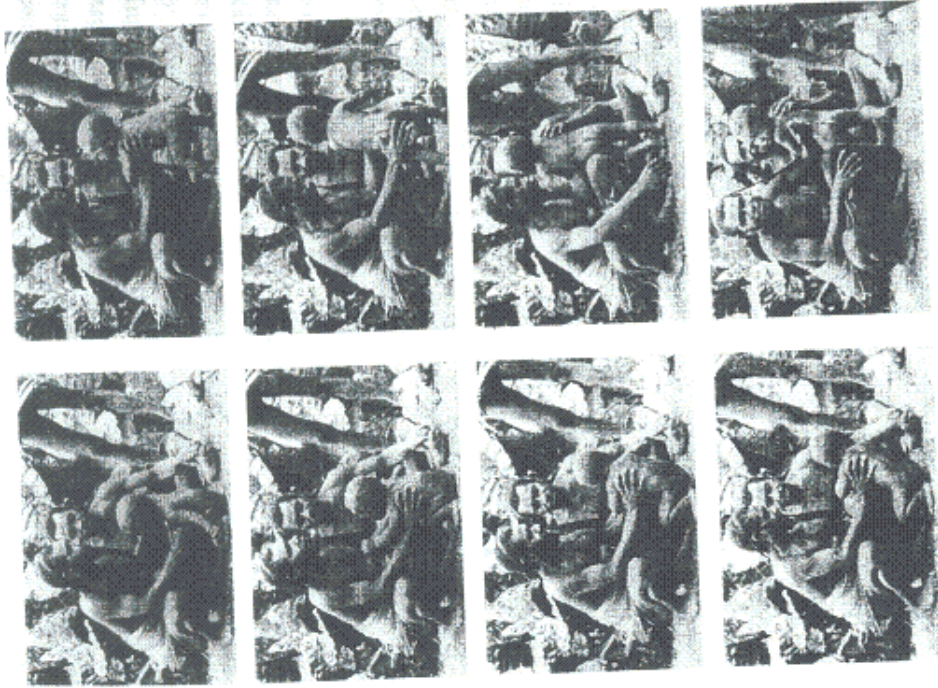


Fig. 17.2. O medo de estranhos tende a surgir em torno dos seis a oito meses de idade e parece tratar-se de uma etapa universal do desenvolvimento. Esta seqüência pertence a um filme que foi realizado entre os montanheses da Nova Guiné por Irenäus Eibl-Eibesfeldt, do Instituto Max Planck, na Alemanha. Quando um visitante deseja apanhar o bebê, este protesta e retira-se para os braços do seu pai. (Cortesia de Irenäus Eibl-Eibesfeldt)

aparição visual” de um humano estranho sobressalta a criança e coloca-a em vigilância. Sua pulsação aumenta; pode começar a chorar. Nas palavras do psicólogo do desenvolvimento Daniel Friedman: “Os estranhos vivos são a principal fonte de medo para bebês na segunda metade do primeiro ano.” Os estranhos chamam a atenção das crianças que começam a dar seus primeiros passos como especialmente assustadores se forem encontrados num lugar estranho, forem de estatura elevada, do sexo masculino, barbudos,¹⁵ ou se a criança está habituada a viver entre pessoas familiares (em vez de, digamos, num orfanato) e não está acostumada a caras novas.¹⁶

Num certo nível, o medo de estranhos notoriamente inofensivos parece ser uma fobia irracional. Mas voltem comigo às florestas do Paraguai, onde vivem os achés, e onde as antropólogas Kim Hill e Magdalena Hurtado decidiram não apenas perguntar às pessoas o que é que diziam temer mas coletar dados sobre o que realmente as matava. Hill e Hurtado verificaram laboriosamente as mortes de 881 dos 1.493 achés nascidos desde 1890, todos eles nômades que morreram antes de 1971, antes dos achés se instalarem perto das missões onde a maioria deles vive hoje. Elas puderam determinar a causa da morte em 843 casos. Eram comuns as febres e os distúrbios intestinais (especialmente entre as crianças em processo de desmame). Das que morreram em consequência de acidentes letais, a mordida de cobra era a causa mais provável — dezoito adultos de 15 anos ou mais, e oito crianças entre 4 e 14 anos, morreram depois de mordidos por cobras. Durante o mesmo período, nove adultos (mas nenhuma criança, provavelmente por causa do gênero de precauções que examinamos) foram mortos por onças. Tais dados para outros silvícolas caçadores e coletores sugerem o mesmo padrão: cobras e predadores não são riscos que possam ser levemente considerados.¹⁷

Curiosamente, porém, os bebês não têm um medo inato de gatos — grandes ou pequenos. As cobras, é certo, têm um peculiar destaque. Todos os primatas se fixam nelas, prestam-lhes muita atenção e, depois do primeiro susto, nunca mais as esquecem. No entanto, tipicamente, os bebês devem primeiro aprender a ficar assustados com cobras ao observarem o modo como reagem a elas outros membros do grupo.¹⁸ Experimentos demonstraram que jovens macacos aprendem a ficar com medo de cobras muito mais depressa do que aprendem a temer, digamos, flores, e que jovens primatas prestam grande atenção a cobras ou a qualquer objeto comprido, do formato de uma corda, que lembre uma cobra a rastejar pelo chão; mas, de qualquer modo, eles têm que aprender de outros que as cobras são assustadoras. (Uma vez isso aprendido, está provado que as fobias de cobras são particularmente persistentes.)¹⁹

Mas os humanos estranhos (especialmente os machos adultos) são uma outra história. Ninguém ensina bebês a temerem estranhos. Seu pânico deriva de um preconceito tão profundamente enraizado que persiste apesar de todas as garantias que os pais lhes oferecem. O mais benigno e doce dos homens, um amigo e colega de trabalho encontrado por acaso num supermercado, provoca um pânico que só é aliviado pedindo-se ao mortificado amigo que se afaste (ou insistindo com o vovô para que tire a barba).

Quanto aos demais primatas, pouco se sabe a respeito do espontâneo “medo de estranhos” em bebês em desenvolvimento. Ao que parece, os bebês macacos não passam por essa fase. Com efeito, Ryne Palombit, que estudou o infanticídio cometido por babuínos machos não-aparentados em Moremi, Botswana, lembra-se de ter observado jovens babuínos fascinados por ma-

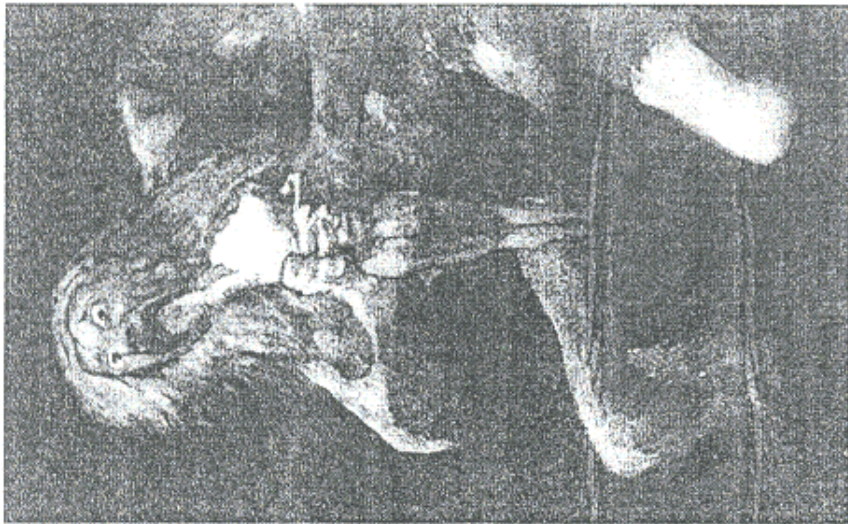


Fig. 17.3. O infanticídio mexe desde longa data com a imaginação humana. De acordo com os mitos gregos sobre *Cronos devorando seus filhos* (título de uma tela de 1820 pintada por Goya), a deusa-tia Rea era uma mãe com um sério problema. Toda a vez que dava à luz, seu marido devorava-lhe o recém-nascido. Finalmente, grávida de Zeus, Rea decidiu pôr em prática um ardil que lhe foi sugerido pela Mãe Terra. Ela escondeu o novo bebê no fundo de uma caverna (alguns dizem que era a Creta de Zeus Dictiano na ilha de Creta, onde sinos, ainda hoje audíveis, repicavam toda vez que o bebê chorava, para disfarçar seu parádeiro). Desta vez, quando Cronos abordou Rea, ela entregou-lhe um enorme pedregulho embrulhado e enfiado como um bebê recém-nascido. "Infeliz! Não pressentiu em seu coração", exclamou Hesíodo (ca. 720 a.C.) que o bebê Zeus ainda estava vivo e em breve destronaria seu pai pela força. Os psicanalistas concentraram-se nas tensões "edípicas" entre pai e filho. Os sociobiologistas prestaram mais atenção às eternas contra-estratégias maternas para ludibriar os machos. Crianças que ouviram a história não puderam deixar de notar até que ponto tudo isso parecia assustador. (Corteia do Museu do Prado, Madrid)

chos estranhos ao grupo, tentando aproximar-se e confraternizar com eles. Em numerosos casos, os machos com quem eles "faziam amizade" eram os

mesmos que mais adiante os matavam. Ao contrário dos humanos, os bebês macacos, ao que tudo indica, aprenderam a temer os machos estranhos através de experiências assustadoras. São relatados, entretanto, casos de chimpanzés que desenvolveram o medo espontâneo de estranhos mais ou menos na mesma época que os bebês humanos.²⁰

O entendimento crescente de que o infanticídio pode ter sido uma ameaça crônica durante a evolução hominídea fornece uma outra razão possível para justificar por que os estranhos seriam um útil aditamento ao repertório de medos do pequeno hominídeo. Durante o período em que os achês acima descritos ainda levavam uma vida de nômades na floresta, 55% dos casos de mortalidade infantil entre o nascimento e os cinco anos de idade podiam ser atribuídos a algo feito por um membro adulto da mesma espécie. De crianças com menos de três anos, Hill e Hurtado documentaram três filhas e um filho mortos por suas mães, e três filhas mortas pelo próprio pai (admitindo que estes dificilmente se enquadraram na categoria de estranhos). Duas outras crianças morreram por negligência; uma foi enterrada viva; cinco foram deixadas para trás quando o grupo se deslocou; onze crianças foram sacrificadas juntamente com um adulto; e duas morreram quando suas mães morreram. Mas houve 24 casos de homicídio envolvendo nove moças e quinze rapazes com idades entre o nascimento e os 14 anos. Uma foi abatida a tiro e vinte outras crianças foram capturadas por paraguaios hostis. Essas ameaças ao bem-estar infantil seriam, na verdade, feitas por pessoas relativamente estranhas.

Eu não discutiria com aqueles que se queixam de que a sociedade britânica ou americana contemporânea é "anticriana". Não se pode, no entanto, deixar de perguntar: comparada com quando? Comparada com onde? Verdadeiramente especial é a sociedade em que as crianças nunca precisaram ter medo e, com franqueza, tal sociedade é mais viável hoje do que no passado.

Reconhecidamente, isso é uma estranha maneira de fazer novela de mistério, uma forma que nada tem de científica de construção às avessas: indagar hoje o que a ansiedade de separação de um bebê nos diz sobre as ameaças pretéritas em nosso passado evolutivo. Mas isso leva-nos a postular novas explicações, previamente insuspeitadas, para um fenômeno universal como o "medo de estranhos". Em muitos contextos tradicionais, uma criança que dá seus primeiros passos e se afasta de sua mãe e *não tem medo* de adultos estranhos pareceria ser uma fantasia perigosamente alheia às realidades nos mundos onde nossos ancestrais evoluíram. Em alguns contextos, o medo de estranhos provaria ser uma fobia da qual vale a pena sofrer.